

# ABIOSE



## I

Ainda me escorre o sangue pelos dedos, e por isso é difícil escrever. E pensar... Como fui capaz de o fazer? Sei que nem sequer deveria admitir a mim própria este tipo de questões, pois planeei minuciosamente os acontecimentos. Até este momento, creio ter sempre imaginado não ser capaz. Mas fui. E resta-me agora a consolação de me ter vingado ou, pelo menos, de me sentir vingada. Não se pode brincar o tempo todo com a mesma pessoa. Foi como ele quis que fosse. Avisei-o muitas vezes: “não pode ser assim”. Não me era possível continuar a ser o seu eterno brinquedo. Ele não devia usar-me como se usa um qualquer objecto que se esquece como um dia bem passado – tão bem passado como esquecido. Considerava ele este tipo de problemas prosaicos e pessoais. Agora teve a oportunidade de verificar o quanto eles se podem efectivamente tornar, talvez não prosaicos, mas pelo menos pessoais. Arrependida, eu? Ainda é cedo. O corpo não arrefeceu de todo, e nem sei se já terá morrido realmente. Às vezes olho na sua direcção e parece-me ver dedos que se agitam, cabelos que mudam de posição ou expressões novas no rosto, mas deve ser impressão minha. A impressão de quem olha obstinadamente a obra feita e espera a sua transformação em algo significativo. Ou então é o desejo do prolongamento da sua vida e dor e consequente arrependimento dos seus actos. Ou melhor ainda: a enorme vontade de que este acontecimento altere

retrospectivamente os seus sentimentos em relação a mim. Em relação a tudo. Sim, porque, na verdade, ele não era lá muito boa pessoa. Tinha opiniões suficientemente vagas acerca disto e daquilo a ponto de não ser possível pedir-lhe explicações ou ajuste de contas. Tomava posições ambíguas relativamente à vida e dava-se insuportavelmente bem com isso. Amei-o por esse motivo: tinha o talento de viver mal muito bem. Como era possível, meu Deus? (É indecente chamar Deus para aqui. Não creio nem respeito especialmente quem acredita e nem sequer quero saber se existe e se o vai acolher bem na morte. Quando digo “meu Deus” quero dizer “homens e mulheres” ou “todas as pessoas”). Oscilo entre a perplexidade e o orgulho: vejam lá o que eu fui capaz de fazer; ou então, vejam só o que eu fui capaz de fazer. É extraordinário como um “lá” ou um “só” podem alterar totalmente o sentido. Se ele soubesse que um dia poderia vir a estar nu, estatelado no meio do chão do quarto pelo qual tantas vezes passeou a sua insuportável “joie de vivre”, exposto, indefeso, inspirando insustentáveis reflexões acerca de si próprio, ter-me-ia morto primeiro, tenho a certeza. Quero aproveitar este momento de paz e dele usufruir para sempre.

## II

Antes de tudo isto acontecer havia uma mulher que amava um homem e um homem que amava uma mulher. Conheceram-se numa festa e ficaram juntos desde logo. Ele perguntou-lhe se ela era de facto irresistível ou se aquilo lhe passava. Ela ficou calada durante algum tempo e depois, como se falasse apenas com ela mesma, disse: “Passa-me”. Ele tornou-se seu cúmplice quando lhe confidenciou que também era assim: irresistível mas só durante algum tempo. Habitualmente pouco. Ela perguntou-lhe se ele já estava bêbado e ele respondeu: “nem por isso, ainda não”. Ela confessou-lhe que se estava a esforçar por se embebedar rapidamente, que estava num daqueles dias que não conseguia aguentar sóbria. Ele acenou com a cabeça em sinal de compreensão e afastou-se dela por uns momentos. Observou-a de longe e pensou que ela poderia ser uma boa companhia para aquela noite. Ela viu-o a olhar para ela e compreendeu que ambos pensavam o mesmo. Esta previsibilidade tranquilizou-a. Nada de novo: apenas mais um nome, um rosto, um corpo, talvez algum prazer, algumas curiosidades, coincidências e depois... adeus, adeus, promessas de telefonemas e encontros futuros que nunca

acontecerão. Ela sente-se disponível para o efeito. Esta é uma situação na qual se sente à vontade. Conhece as frases, os gestos, os locais onde estes (des)encontros são possíveis.

## III

Morreste, meu amor. Tão bom saber-te morto – ou quase. Eu diria mesmo: quase. Ainda há pouco tentaste erguer a mão, mas o meu olhar sobre ela paralisou-a, e desististe. Sabes, não é possível confrontares-te comigo. De uma maneira ou de outra, nunca o fizeste. Não o irias fazer agora porque a relação de poder é nula. Afinal, que é que pode um vivo perante um morto? Nada. Posso ter decidido matar-te, fisicamente falando, claro está. Decidi e fi-lo. Estava farta das minhas indecisões sobre ti. Alguma vez teria de ser capaz de levar até ao fim qualquer coisa decidida acerca de nós. Não imaginas a humilhação que senti de todas as vezes em que os meus não se desfizeram em sins à tua frente. Senti-me pequena, inútil e fraca. Demasiado fraca. E tu, aqui, deitado, és a minha imagem, de pé, junto de ti. Suspiraste. Ouvei o teu hálito cortar o ar e apeteceu-me beijar-te... Tanto! Talvez pudesse levantar-me e abraçar-te e, quem sabe?, dar-te vida; mas não posso. Esgotei-me, primeiro no nosso amor e depois na tua morte. No teu fim. Não é a mesma coisa. O teu fim e a tua morte não coincidem. Para mim, não terás fim. Morres, porque não podíamos viver os dois ao mesmo tempo, ou melhor, morres, porque me era intolerável viver ao mesmo tempo que tu sem ti. Mas não tens fim. Estás espetado na minha vida. És uma faca nas minhas costas. És essa faca tão bem usada por mim. O meu amor por ti não findará, e por isso arranjei maneira de viver suportavelmente.

## IV

A fantasia dela: compraste-me por duas horas. Podes fazer tudo o que quiseres comigo ou de mim. Não bebo, não consumo drogas, não fumo e isso seguramente limita muito a tua imaginação, mas eu sou capaz de te ajudar a resolver esse problema. Como começamos? Vem cá. Deixa-me cheirar-te. Cheiras a roupa lavada e a perfume caro. Não te quero mal por isso. Toda a gente gosta desses cheiros. Lembram-nos higiene e dinheiro. Qualidade. É isso: és uma pessoa

de alta qualidade. Mas queres que eu leve o teu sexo à minha boca. E eu faço-o, querido. Faço-o e tu gostas e gemes e encostas-te à parede com o teu casaco caro, as calças descidas e umas cuecas moderníssimas pelo meio das pernas. As tuas mãos entram-me nas costas pela gola da camisola e sentes que estou quente. Não, não estás enganado – estou mesmo quente e sim, é verdade – gosto muito de fazer isto que estamos a fazer. Acho que é o que sei fazer melhor. O teu sexo endurece e eu sinto-me húmida. A tua mão subiu agora para os meus cabelos e puxas-mos com força. Isso excita-me. A minha língua passava pela cabeça do teu sexo lentamente e tenta explorar o orifício por onde passam a tua urina e o teu sémen. Sinto que estás quase a explodir. Claro que és um inexperiente, o que muito me emociona. Começaste pelo fim, como todos os principiantes. És lindo. O teu corpo é grande e liso. Sabes-me bem. Atiro-te para cima da cama antes de te vires e começo a despir-te. Beijo cada parte do teu corpo que descubro e sinto que não dás o teu tempo por perdido. Tens uma expressão de anjo no rosto e o teu sexo orienta-se para o tecto do quarto e eu começo a despir-me e a urgência dos gestos embeleza a situação. Quero o teu sexo enorme, duro e maravilhoso dentro de mim. Agarras-me os seios com as duas mãos e insultas-me docemente. Dizes asneiras cujo significado desconheces, mas sim, sou a tua puta de agora e hoje e tu és o meu homem de sempre. Sentes-te contente contigo próprio. Não fumas um cigarro, mas exhibes o teu corpo de pé para mim. Encenas a despedida. Não resistes: “gostaste?”. Não respondo. Estás em carne viva. Precisas de confirmação. Não resisto: “fingi”. Este foi o primeiro desafio que representei para ti.

V

Enquanto este for o espaço do nosso último encontro, tu serás o meu amor querido e eu a tua deliciosa amada. O nosso amor é absoluto e eterno, e somos os amantes mais amantes possíveis. Tu repousas depois da festa dos corpos e sua alegria, e eu, no meu papel amantíssimo, registo os nossos sentimentos com a delicadeza e sobriedade à altura da situação. Estamos em paz. Ainda acreditamos na redenção das almas e na vida lá fora depois do amor, acreditamos que somos vulgares mortais padecendo de ordinários pecados com cura, e o mundo é um lugar e os seres humanos são pessoas, e o bem estar, a harmonia e a paz são desejados pela maior parte delas. Ainda julgamos existirem desejos,

sonhos e metas e tudo é uma questão de esforço e seremos recompensados pelo que um dia seremos, ainda julgamos viável comprar uma casa a prestações e transformá-la num lar forrado com o nosso amor e os móveis emprestados e julgamos que os nossos filhos podem ter nomes belos sem a solidão nos rostos. Ainda tudo é ainda, e é cedo e rosa e esperança e presente sem malhas caídas no tempo. Ainda tudo é qualquer coisa por ser. Provavelmente já existe a antecipação da dor e do sofrimento, mas uma antecipação longínqua, segura nessa distância. Mas tu continuas a ser o meu queridíssimo amor, e este tempo é ainda o tempo anterior à tua morte. É o tempo do amor. Tempo de um amor promissor, jovem e fecundo. Uma espécie de amor criadora de postos de trabalho, de famílias, de filhos e outros embaraços temporários; uma espécie de amor saudável e aceite pelas diferentes comunidades. Amor inominável. Este é o tempo de um amor contente com os amantes e os seus feitos. E estamos felizes. Somos um para o outro, somos um do outro, somos o outro, somos outro. Somos. Outro. Mas estamos felizes neste tempo suspenso. Tempo de reflexão. Agora meditas num sono profundo. Eu defendo a superioridade das palavras em relação ao sono. Mas deixo-te dormir, amor. Dorme com os anjos. Vendo bem, nunca disseste nada de significativo, mas deixa-me acreditar que sim. Preciso de ilusões para compor o cenário cá dentro. Sabes, querido... estou agora a pensar... talvez não seja má ideia revermos as condições do nosso amor. A perfeição aflige-me. Talvez seja melhor não nos amarmos assim, tanto. Ou então, um ama incondicionalmente e o outro, não. Que te parece?... Nada te parece nada. Não posso combinar nada contigo. Já nada combinas excepto a palidez do corpo com a expressividade do sangue. Estás num sono profundo, no primeiro tempo do verbo, e eu já virei a página sem te deixar acordar. Mas qual dos dois amaré incondicionalmente e qual dos dois não amaré? E quem amar assim vai amar o quê no outro? Vai amar como e porquê? Onde vai amar? Não sei responder a estas perguntas, mas preciso de tentar. Quero compreender como cheguei aqui.

## VI

**A fantasia dele: eu sou um homem seguro de mim e acordo já assim: seguro de mim, repito. Cheio de mim próprio até à ponta dos cabelos. Tudo em mim é uma criação superior de Deus, desde o meu mais recôndito pensamento até ao meu gesto mais expressivo.**

Acordo lenta mas directamente do sonho para a realidade e com a tranquilidade de quem já tem o dia ganho, seja lá o que isso significa. Ela gosta de mim como eu gosto de mim e ela gosta em mim daquilo que eu gosto em mim. É a mim que ela encontra quando eu me dirijo a ela e este realismo é demolidor. Procuo disfarçar o que sou mas não me saio bem porque em cada gesto, em cada frase existe gratificação e alegria. Nos momentos em que estamos juntos eu existo terrivelmente e ela está ali para mim. Empurra-me contra a parede e fico de frente para o espelho através do qual observo os seus movimentos. Ela despe-me, aprecia o meu corpo, acaricia-me e masturba-me longamente. O seu corpo é uma ferida sem sangue. O seu toque intimida-me mas não há proximidade. Nem quando nos fundimos. Nem quando se recolhe. E na despedida é lacónica e cruel. Esta mulher não existe como eu. Quero conhecê-la, possuí-la, devastá-la, dar-lhe filhos, enganá-la e deixá-la. Quero-a para mim e que no futuro seja a minha ex. Quero-a sem os segredos e os mistérios que me fazem desejá-la. Quero-a sem a beleza que me estonteia. É verdade – tenho vontade de a anular, apagar. Quando fazemos amor atrevo-me a ser meigo – ela rejeita. Procuo protegê-la – ela recusa. Se tento o contrário ela também não aceita. Isto é um jogo e ela é uma máquina que eu ainda não domino. É um exercício interessante imaginá-la a arrumar uma cozinha ou a mudar fraldas ou a tratar do jardim. Mas o prazer...prazer, prazer, prazer. Durante muito tempo será só prazer. Amá-la-ei apenas na separação.

## VII

O que eu já sabia sobre o amor agora sei-o muito mais, mas não basta. Tive a consciência exacta da existência de outra pessoa. Inicialmente, dizias, era uma mulher comum, e lá saberias porque o dizias; depois começou a ser parecida comigo no meu melhor; em seguida passou à perfeição; mais tarde, única. Por fim, só ela para te fazer feliz e dobrar as camisas e aceitar que fosses só isso e amar-te assim mesmo. Quando finalmente compreendi que só querias de mim o que ela não te dava, porque não podia e não sabia e porque ela não seria ela se o fizesse, apercebi-me que estava reduzida a ser para ti o que ela não era. Eu nunca seria o que era, apenas o que a outra não era. Foi difícil. Odiei-te de morte, nesse dia. Quis dizer-te tanta coisa e não fui capaz. Nesses momentos de desespero não estiveste lá. Ficaste de costas para mim,

todo voltado para ela. Esperei. Esperei que voltasses. Voltaste sempre. Mas regressaste sempre pelos mesmos motivos que te levavam a partir.

## VIII

Acaba de saber que está grávida e não sabe o que pensar. Não está feliz nem infeliz. Não tem filhos nem quer ter, mas também não quer abortar. Não gosta de abortar. Contudo, terá que o fazer. Em seguida dormirá vários dias. Nesses dias apercebe-se de que há uma paz dentro da qual nada se pode fazer. É aquela paz que se confunde um pouco com a apatia. É a paz que vem de fora para dentro e não ao contrário. É como que uma paz podre. É a paz para que não haja guerra. É nessa paz que ela está. Calma, com o rosto sereno e o corpo em repouso. Esta paz é um fim em si mesma. Quando começa a sentir uma sensação ligeiramente diferente, alguém lhe injecta um líquido nas veias e ela começa a desejar aquela sensação mais do que outra coisa qualquer. Como é que se vive assim? Quanto tempo se vive assim? Não se vive definitivamente de forma nenhuma. Nesta paz, as horas, os minutos, o dia e a noite são indistintos. Não sente fome embora não esteja saciada; nem frio, apesar de não sentir calor. Não está bem nem mal: está ali. Não tem condições para pensar – a ausência de atrito anula a vontade de reflectir. Tudo está suspenso. É um intervalo na vida, embora pareça eterno. Ela é o presente. É vigiada por técnicos que usam relógio, sabem as horas e cujas vidas estão orientadas em função das coordenadas das quais se sente privada. Estes técnicos pensam que conhecem o efeito que as drogas provocam nas pessoas, mas apenas conhecem o efeito aparente. Dentro dela, não há técnico com relógio que torne o tempo divisível em passado, presente e futuro. Dizem que ela está bem. Mas ela apenas está. Dizem que vai ficar melhor. Mas ela não existe nesse futuro em que a projectam. Procedem de forma imprudente tecendo comentários acerca do que lhe terá acontecido. Medem-lhe o pulso. Bem. Espreitam-lhe os olhos. Bem. Deixam-na e voltam. Repetem os gestos e as palavras. Estão ali para se irem embora. Ela está ali a ficar.

## IX

Exprimia eu a minha vontade de compreender como tinha aqui chegado. Foi assim: por um caminho repleto de cedências, de perdões,